



## **PENTECOSTALIDADE, PENTECOSTAL E PENTECOSTALIZADOS: UMA PROPOSTA DE TIPOLOGIA COM FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA<sup>1</sup>**

*Pentecostality, pentecostal and pentecostalized: a proposed typology with theological foundations*

José Hélio de Lima<sup>2</sup>

### **Resumo:**

Desde que o pentecostalismo brasileiro passou a ser estudado por cientistas sociais, dada a diversidade de grupos e denominações, sociólogos e sociólogas buscaram entendê-los e identificá-los por categorias tipológicas. Entre as tipologias propostas que mais se destacam estão as seguintes: o pentecostalismo como religião ou seita, pentecostalismo clássico, pentecostalismo de cura divina, de magias, neopentecostalismo e o pentecostalismo das três ondas. É importante observar que essas tipologias foram desenvolvidas no campo das ciências sociais, como a antropologia e as ciências da religião, que levaram em consideração os aspectos comportamentais, crenças e ações de grupos denominados como pentecostais. Como existe a possibilidade de se estabelecer uma tipologia a partir da teologia, o que alguns teólogos já vêm fazendo, o objetivo deste artigo é colaborar com um alvitre tipológico teológico, que analisa o teor doutrinário dos diversos segmentos do pentecostalismo brasileiro. Consideraremos a possibilidade tipológica de um cristianismo da pentecostalidade, do pentecostal e dos pentecostalizados.

**Palavras-chave:** Pentecostalidade. Pentecostal. Pentecostalizados.

### **Abstract:**

Since Brazilian Pentecostalism began to be studied by social scientists, given the diversity of groups and denominations, sociologists and sociologists have sought to understand them and divide them into typological categories. Among the proposed typologies that stand out the most are the following: pentecostalism as a religion or sect, classical pentecostalism, divine healing pentecostalism, of magic, neo-pentecostalism and the Pentecostalism of the three waves. It is important to note that these typologies were developed in the field of social sciences, with anthropology and religious sciences, which considered the behavioral aspects, beliefs and actions of groups called pentecostals. As there is the possibility of establishing a typology based on theology, which some theologians have already been doing, the aim of this article is to collaborate with a proposal for a theological typology that analyzes the doctrinal content of the various segments of Brazilian Pentecostalism. We will consider the typological possibility of a Christianity of pentecostality, of the pentecostal and of the pentecostalized.

**Keywords:** Pentecostality. Pentecostal. Pentecostalized.

\*\*\*

<sup>1</sup> Enviado em: 04.10.2023. Aceito em: 16.12.2023.

<sup>2</sup> E-mail [prof.josehelio@gmail.com](mailto:prof.josehelio@gmail.com).

## Introdução

Desde que a socióloga Beatriz Muniz de Souza passou investigar o fenômeno, no início dos anos de 1960, percebendo mudanças significativas no campo religioso brasileiro com a ascensão dos pentecostais na cidade São Paulo, surgiram outros tantos pesquisadores das ciências sociais que têm se debruçado sobre o tema. Souza tinha como proposta verificar em que gradiente sociológico estavam enquadrados aqueles grupos que ela pesquisou. Tratava-se de “igrejas” ou de “seitas”? Ela concluiu que dentre os pentecostais paulistanos tanto tinha “igrejas” como “seitas”.<sup>3</sup>

Dado o pioneirismo e a relevância da pesquisa de doutorado realizada por Beatriz Muniz de Souza<sup>4</sup>, desde então, são frequentes a utilização de dados encontrados em sua obra, em investigações acadêmicas. “A experiência da Salvação”, tornou-se um referencial teórico nas pesquisas sobre o pentecostalismo brasileiro. Entretanto, o olhar investigativo de Souza era sociológico e não teológico. O mesmo caminho seria percorrido por outros pesquisadores como William Read, Cândido Procópio, Antônio Gouvêa Mendonça, Paul Freston, Leonildo Silveira Campos, dentre outros. Entre os autores mencionados, o conceito tipológico do pentecostalismo foi elaborado a partir do comportamento deles e não pelo teor teológico; pelas práticas e não pela interpretação e fundamentação bíblicas. Por isso, este seguimento cristão, no Brasil, é definido principalmente por tipologias como: pentecostalismo clássico, pentecostalismo de cura divina, neopentecostalismo; pentecostalismo da primeira, segunda e terceira onda, etc.

Há sempre certa complexidade na compreensão de fenômenos religiosos, sobretudo quando se trata de grupos grandes que sofreram transformações e foram se ajustando às novas realidades sociais, isso quando eles não mudaram por necessidades de aprimoramentos nas suas doutrinas.<sup>5</sup> Como as religiões não são produtos terminados, as doutrinas que fizeram parte de suas constituições iniciais estarão sujeitas a alterações. Quando essas religiões se tornam objeto de estudo, cabe às ciências buscar compreender quais foram as transformações pelas quais passaram. Ainda que para os fiéis as alterações sejam irrelevantes, para quem pesquisa será importante conhecer os fenômenos religiosos, principalmente as causas que levaram determinado grupo a crer e agir como age.

## Aspectos Históricos

Na construção do cristianismo protestante havia, por parte de seus primeiros líderes, a convicção de que o modelo doutrinário que era praticado dentro do catolicismo precisava passar por uma atualização, ou melhor, era necessário retornar às bases doutrinárias dos seus primórdios. Eles estavam convictos da necessidade de uma reforma.<sup>6</sup> Não se tratava de um golpe para destituir

---

<sup>3</sup> SOUZA, Beatriz Muniz de. *A experiência da salvação: pentecostais de São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

<sup>4</sup> Esta obra é considerada o primeiro estudo sistemático de caráter científico a respeito de denominações pentecostais brasileiras, ainda que o historiador francês Émile Léonard tenha feito menção da Congregação Cristã do Brasil, em sua obra intitulada - *O Iluminismo num Protestantismo de Constituição Recente* - de 1953, publicada primeiro em francês e posteriormente em português. Disponível em: <https://circulodeculturabiblica.org/2021/07/19/emile-guillaume-leonard/>. Acesso em: 17 de Jun. 2023.

<sup>5</sup> Em igrejas, como Assembleia de Deus, algumas normas doutrinárias que faziam parte de suas bases nos anos de 1950, como o uso do rádio e da televisão, que era absolutamente proibido aos fiéis, nas décadas seguintes foram flexibilizadas. Hoje tanto o rádio como a TV são meios utilizados pela Assembleia de Deus e seus líderes. Para que isso ocorresse foi necessário que a liderança da Igreja alterasse suas regras doutrinárias.

<sup>6</sup> FERREIRA, Franklin. *Pilares da fé: a atualidade da mensagem da Reforma*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 25.

os líderes ou estabelecer uma liderança paralela, mas de revisar crenças e valores doutrinários que, com o passar do tempo, haviam sido suplantados e substituídos por dogmas que, na compreensão dos reformadores, descaracterizavam não apenas a Igreja Católica, mas o próprio cristianismo que ela representava.

Enquanto as obras fiéis eram elementos fundamentais no processo de salvação na base doutrinária católica, para os reformadores os indivíduos alcançavam a vida eterna pela graça divina, por meio da fé em Jesus Cristo. O cristianismo reformatório protestantes se caracterizou, sobretudo, pelo conceito e crença de que não há preço a ser pago pelos seres humanos para alcançar a vida eterna, pois a salvação é resultado da graça de Deus, por meio de Jesus Cristo.

Quando os pais do protestantismo promoveram a reforma religiosa, eles estabeleceram alguns pilares que foram fundamentais na construção, ou restauração, da identidade daquilo que eles entendiam ser um cristianismo bíblico. Dentre os reformadores, Martinho Lutero, que publicou 95 teses na porta da igreja de Wittenberg no dia 31 de outubro de 1517, ainda que não explicitamente ou nominalmente arrolasse, contribuiu para o estabelecimento daqueles pilares que seriam responsáveis pela sustentação de um cristianismo reformatório. São afirmações formuladas a partir do advérbio “somente” que, como foram elaboradas no latim, ficaram conhecidas como as *solas*. Tratava-se dos seguintes pilares: *Sola fide* (somente a fé), *Sola scriptura* (somente a Escritura), *Solus Christus* (somente Cristo), *Sola gratia* (somente a graça) e *Soli Deo gloria* (glória somente a Deus). Escrevendo sobre os pilares da fé Protestante, Franklin Ferreira faz a seguinte observação:

É importante notar que as cinco afirmações que serão expostas neste livro só foram articuladas sistematicamente em meados do século 20. Todos os cinco *solas* apareceram nos vários escritos dos reformadores, mas não chegaram a ser arrolados todos juntos. Em 1916, Theodore Engelder tratou conjuntamente, pela primeira vez, os temas “somente a Escritura” (*sola Scriptura*), “somente a graça” (*sola gratia*) e “somente a fé” (*sola fides*). Em 1934, Emil Brunner mencionou *sola gratia*, *sola fide* e *soli Deo gloria*. Mais tarde, em 1962, ao comentar o sistema teológico de Karl Barth, Brunner mencionou *sola gratia*, *Christus solus* e *soli Deo gloria*. Nas duas ocasiões, não mencionou o princípio *sola Scriptura*. Em 1990, E. G. Rupp, ao resumir a obra de João Calvino, escreveu que ele havia “unido” as “grandes palavras de ordem” da Reforma, listando *sola fide* junto com *sola gratia*, seguidas por *sola Scriptura* e *soli Deo gloria*.<sup>7</sup>

Portanto, os cinco *solas* que fundamentam o protestantismo têm sua origem nos escritos dos reformadores do século XVI, mas somente foram arrolados juntos no transcorrer dos séculos pelos adeptos do movimento. Diante desta constatação, seria possível acrescentar mais algum princípio, que não fora percebido anteriormente? Porque dentro do segmento protestante surgiram os movimentos avivalistas e, por último, os pentecostais os quais, por terem sua origem no protestantismo, reivindicam seus vínculos com a Reforma. Mesquiati e Terra fazem a seguinte afirmação:

Os pentecostais também se veem como herdeiros da Reforma do século XVI. A partir dos quatro princípios da Reforma (Só a Bíblia, só a fé, só Cristo, só a graça)<sup>8</sup> e do credo niceno-

<sup>7</sup> FERREIRA, 2017, p. 26.

<sup>8</sup> Como mencionado anteriormente, a quinta palavra de ordem, “*soli Deo gloria*”, foi inserido somente em 1990, razão porque alguns autores, como MESQUIATI e TERRA, citam quatro *solas* e não cinco.

constantinopolitano do século IV (Creio na igreja una, santa, católica e apostólica) é possível perceber como a perspectiva pentecostal clássica relê a tradição.<sup>9</sup>

O pentecostalismo, do início do século XX, se organizou nas mesmas bases dos reformadores e tem sua origem em denominações históricas que se instituíram entre os séculos XVI e XVII. Davi Mesquiati chegou à conclusão de que igrejas pentecostais, como Assembleia de Deus, é de origem protestante porque seus primeiros líderes saíram de denominações históricas. Afirma ele:

As Assembleias de Deus no Brasil surgiram a partir da Igreja Batista em Belém do Pará em 1911. Os missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren, mantiveram contato com a Igreja Filadelfia de Estocolmo, de orientação pentecostal e batista, mas que em 1913 foi expulsa da convenção batista sueca. O líder desta igreja, Lewi Pethrus (que a pastoreou de 1911 a 1958), enviou vários missionários que contribuíram muito para o fortalecimento do pentecostalismo brasileiro (...). O grupo dos batistas, por sua vez, tem sua origem histórica nos anabatistas do século XVI e nos puritanos do século XVII. São, portanto, filhos da reforma protestante. Os pentecostais, como “geração posterior”, pois advém não só dos batistas, mas também dos metodistas (com origem na Igreja Anglicana), seriam os “irmãos menores”, como aparece na sugestiva obra *La madurez del hermano menor* do teólogo pentecostal peruano Bernardo Campos (2012).<sup>10</sup>

A centralidade da pneumatologia entre os pentecostais foi a principal diferença entre os cristãos e cristãs que iniciaram o movimento, das igrejas protestantes reformadoras. A experiência com o Espírito Santo, por meio do batismo com manifestação do dom de diversidades de línguas, tornou-se um dos pontos de distanciamento entre os grupos pentecostais e pentecostalizados das igrejas protestantes históricas. No mais, os pentecostais mantiveram o teor doutrinário e teológico dos reformadores, como, por exemplo, a mensagem e crença eram cristocêntrica, a fé era trinitariana, no entanto, a obra do Espírito Santo e a atuação Dele na vida dos cristãos e cristãs pentecostais era permeada por experiências místicas.<sup>11</sup>

Mesquiati chama essa experiência de “misticismo integrador”, diferindo do que ele categoriza como “misticismo segmentador”. No misticismo integrador ocorre em uma esfera de “contemplação, como uma experiência profunda de proximidade e imersão no divino.” Diferente daquele que ele diz ser o misticismo segmentador, na qual a experiência faz com que os fiéis se distanciem de outros, levando-os a “romper os laços com os demais sob pretensa superioridade, seja da ordem do conhecimento de Deus, da sua vontade ou da suposta proximidade com ele.”<sup>12</sup>

<sup>9</sup> MESQUIATI, David de Oliveira; TERRA, Kenner. *Experiência e Hermenêutica Pentecostal: reflexões e propostas para construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. p. 27.

<sup>10</sup> MESQUIATI de Oliveira, David. Os Pentecostais, o Espírito Santo e a Reforma. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*. PUC-PR, Vol. 9, N. 2, Maio-Agosto, 2017, p. 542.

<sup>11</sup> “A essência do pentecostal poderia ser descrita a partir da crença no Jesus que salva, cura, batiza com o Espírito Santo e que breve retornará. Esse seria o evangelho pleno, completo. Duas coisas chamam a atenção: A primeira é que essa chave de leitura é cristológica e não pneumatológica, como se esperaria de início. A centralidade está em Jesus: ele salva, aqui e agora e escatologicamente; ele cura as enfermidades e dá esperança de uma vida melhor e digna; ele batiza com o Espírito (importante doutrina pentecostal que explicaremos na sequência), do qual o batizador é Jesus; e por último, a chave apocalítica sobre a expectativa do breve retorno de Cristo, a Segunda Pessoa da Trindade. A maioria dos pentecostais norte americanos e também dos brasileiros mantiveram esse núcleo-duro. Essa centralidade cristológica apresenta um paráclito (auxiliador) na missão desse Cristo: o Espírito Santo como pessoa e ativamente presente no crente e na igreja. Aqui essa experiência é revestida de uma especificidade que vai além da soteriologia.” MESQUIATI, 2017, p. 546.

<sup>12</sup> MESQUIATI, 2017, p. 543.

Na nossa perspectiva, o pentecostalismo moderno surge no século XX com uma proposta mística do tipo integradora. Eram membros de diferentes comunidades em busca de uma experiência com o Espírito. Contudo, a maneira como as lideranças e parte das comunidades avaliaram essas experiências foi negativa, e devemos considerar que as práticas dos primeiros pentecostais não eram sem exageros. Como fruto da modernidade de recorte racionalista e dos traumas na história da igreja com os grupos espiritualistas, a reação era, no mínimo, de desconfiança. (...) Podemos citar os exemplos das igrejas renovadas, que resultaram em divisões das igrejas evangélicas tradicionais em meados do século XX. Mas não podemos ser ingênuos para achar que tais rachas aconteceram simplesmente porque o novo grupo era sedicioso: há disputa de poder em jogo, negação da veracidade da experiência do outro, desprezo por essa via de espiritualidade como fonte genuína, entre outros. Não podemos eximir a responsabilidade dos dirigentes nacionais dessas denominações, nem os excessos dos grupos “renovados”. A questão é que, ao evitar-se o misticismo do tipo segmentador, sem perceber, estavam negando também, vida e expressão do misticismo integrador, que poderia contribuir para uma renovação (e até mesmo de uma reforma) da igreja a partir de dentro, da intensidade da fé.<sup>13</sup>

A exemplo das igrejas reformadoras, as denominações pentecostais também não formavam um único grupo doutrinário e teologicamente homogêneo. Pelo contrário, o pentecostalismo foi organizado sob influências teológicas de várias vertentes, tornando-as ímpares em vários sentidos. Haja vista que o principal reduto dos pentecostais, os Estados Unidos da América do Norte, do início do século passado, sobretudo nos Estados mais industrializados, eram uma verdadeira “Babel” com imigrantes de todos os lugares, com línguas e culturas de todos os continentes.

No início do século XX, apesar do protestantismo predominar entre os estadunidenses não era o suficiente para que houvesse tratamento igualitário entre os cristãos. As pessoas de raças diferentes não compartilhavam sequer os mesmos espaços de celebrações religiosas.<sup>14</sup> Esse aspecto social contribuiu para que houvesse também diferenças doutrinárias acentuadas, evidenciando que nem todas as denominações que surgiram sob a influência das doutrinas pentecostais, por exemplo, fossem pentecostais.

Quando afirmamos que os pentecostais são herdeiros da teologia e doutrinas dos reformadores é porque eles têm em sua estrutura teológica e doutrinária os elementos fundantes do protestantismo reformatório, e também pelo fato deles não serem cristãos católicos. Abordando essa questão, o teólogo peruano Bernardo Campos faz a seguinte afirmação:

Num sentido histórico e social, o pentecostalismo é uma parte do protestantismo herdado da Reforma. De fato, muitos o reconhecem como um protestantismo popular e o diferenciam do protestantismo “histórico” - termo sob todos os aspectos impreciso, porque pentecostalismo não é a-histórico de modo algum - ou do “velho” protestantismo, como costumava dizer Troeltsch. O pentecostalismo, assim como a grande maioria das igrejas evangélicas da América Latina e do Caribe, é herdeiro - em diversas vertentes - da teologia e da vida da ampla e complexa da Reforma Protestante.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> MESQUIATI, 2017, p. 544.

<sup>14</sup> FRESTON, Paul. Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. *Tese* (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 1993, p. 67.

<sup>15</sup> CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma protestante à pentecostalidade da igreja*. São Leopoldo: Sinodal: Quito: CLAI, 2002, p. 12.

Percebam que sob a análise sociológica e antropológica o pentecostalismo é normalmente apresentado como um segmento religioso convergente, ou seja, como se todos os pentecostais fossem iguais. Por exemplo, quando Paul Freston estuda a participação dos evangélicos brasileiros na política, ele divide os pentecostais por período em que se organizaram, como se somente o fato de terem surgido em um mesmo período os tornassem similares. Afirma ele:

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). Estas duas igrejas têm o campo para si durante 40 anos, pois suas rivais são inexpressivas. A Congregação, após grande êxito inicial, permanece mais acanhada, mas a AD se expande geograficamente como a igreja protestante nacional por excelência, firmando presença nos pontos de saída do futuro fluxo migratório. A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). Novamente, essas igrejas trazem uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo. O contexto é fundamentalmente carioca.<sup>16</sup>

Será que o ser pentecostal se resume em ser carismático? O fato de um grupo aceitar o batismo com Espírito Santo pode denotar que ele seja pentecostal? Responder essas perguntas pode não ser tão fácil, porque além da sociologia e antropologia é necessário chamar a teologia para participar da análise desta segmentação religiosa. Enquanto o sociólogo e a socióloga, o antropólogo e a antropóloga observam os fatores externos, os teólogos e as teólogas se aterão aos traços doutrinários. Tratando-se de um segmento cristão protestante, serão considerados a fundamentação bíblica, o método hermenêutico aplicado na interpretação e a consecutiva maneira de ser e crer de determinado segmento. Até porque, como observou Campos:

Está claro que falar de pentecostais ou de pentecostalismo não é necessariamente sinônimo de unidade ou ecumenismo. Antes, constitui para muitas pessoas entre nós um desafio e uma tarefa pedagógica entender e explicar que se trata de um movimento diversificado e de origens heterogênea.<sup>17</sup>

Como pesquisamos a Igreja O Brasil Para Cristo, uma denominação evangélica pentecostal brasileira, e afirmarmos que ela é de origem cristã protestante reformadora, entendemos ser necessário, a partir de observações teológicas e doutrinárias, distinguir o que é ser pentecostal. Porque, por exemplo, um grupo pode ser de teologia calvinista, sem ser presbiteriano ou esteja alinhado com a teologia de Lutero sem que necessariamente pertença a uma igreja luterana. Partindo do pressuposto que o que se vê nas práticas de pessoas cristãs são reflexos de uma teologia e doutrinas que o grupo desenvolveu ou adotou, iremos discorrer sobre três segmentos distintos do cristianismo, cuja fundamentação doutrinária e teológica distinguem quem são a partir de suas crenças. Em uma abordagem teológico-doutrinária e não apenas sociológica, ponderaremos sobre as seguintes possibilidades de tipologia: pentecostalidade, pentecostalismo e pentecostalização.

---

<sup>16</sup> FRESTON, 1993, p. 66.

<sup>17</sup> CAMPOS, 2002, p. 7.

## Pentecostalidade

A primeira distinção que faremos será a tipologia proposta por Bernardo Campos que, para sustentar o pressuposto de que o derramar do Espírito Santo no dia de Pentecoste foi de fortalecimento e promoção da unidade entre os cristãos e as cristãs, empregou a nomenclatura Pentecostalidade. Afirma ele: “Trata-se da categoria de *Pentecostalidade* como experiência universal, que expressa o acontecimento de Pentecoste na qualidade de princípio ordenador da vida para aquelas pessoas que se identificam com o avivamento pentecostal.”<sup>18</sup> Desse modo, a presença do Espírito Santo na vida de todos os cristãos e as cristãs os fazem participantes de uma condição de Pentecostalidade, o que difere do “ser Pentecostal”, como movimento religioso moderno. Assim define Campos a pentecostalidade:

Entendemos por pentecostalidade aquele princípio e aquela prática religiosa moldados pelo acontecimento de Pentecoste. Trata-se de uma experiência universal que eleva à categoria de “princípio” (arqué ordenador) as práticas pentecostais que procuram ser concretizações históricas dessa experiência primordial. Do ponto de vista cristológico, a pentecostalidade é a “força do Espírito” que torna possível a Igreja como corpo de Cristo e como povo de Deus na história concreta da humanidade. Em sua qualidade de “princípio”, a pentecostalidade em si mesma rejeita qualquer concretização histórica do tipo pentecostal que pretenda ser sua expressão única (exclusiva) ou que pretenda convertê-la em seu absoluto, negando outros a possibilidade de fundamentar-se também nela (inclusividade).<sup>19</sup>

A pentecostalidade está associada a presença e ação do Espírito Santo na vida das pessoas crentes. Trata-se da intervenção do próprio Deus na Igreja com objetivo específico de capacitar seus membros para ser e viver como testemunhas de Jesus. Como o advento ou manifestação física de que Ele havia chegado, para assumir o lugar de Jesus entre os seus discípulos e suas discípulas,<sup>20</sup> ocorreu no dia da festa judaica do Pentecoste, é razoável associar o nome daquela celebração religiosa com o cumprimento das promessas feitas por Adonai e o próprio Jesus. Em consonância com Campos, o teólogo pentecostal brasileiro David Mesquiati faz uma distinção necessária entre ser participante da pentecostalidade e ser pentecostalizado. Ressalta ele:

A pentecostalidade não é a pentecostalização da igreja. Tem a ver com assumir a ação do Espírito de maneira ativa na igreja e na teologização, mais do que as formas clássicas de Espírito do Filho ou da força (energia) de Deus. Sua personalidade divina é estimada, invocada e presente. A escolha desse termo pelo teólogo pentecostal peruano não tem a ver com os pentecostais de maneira direta, mas com a forma como o Espírito agiu no período do Pentecostes, na igreja dos começos. Essa teologização aberta sobre o Espírito Santo é assumida sem rodeios, sem uma hierarquia dentro da Trindade, como muitas vezes resultam algumas abordagens trinitárias. O princípio pentecostalidade “é a força do Espírito que outorga poder ao ser humano para superar os condicionamentos que querem reduzi-los à desumanização”.<sup>21</sup>

Portanto, pentecostalidade diz respeito à presença e ao ministério do Espírito Santo na vida de mulheres e homens que creem em Jesus Cristo, o Filho de Deus, e salvador do mundo. Trata-se de uma definição tipológica, baseada na teologia, daquelas pessoas dotadas da fé cristã trinitariana que tem norteado a Igreja de Cristo no transcorrer dos séculos. Foi inaugurada no dia do Pentecoste

<sup>18</sup> CAMPOS, 2002, p. 74.

<sup>19</sup> CAMPOS, 2002, p. 85.

<sup>20</sup> A *BÍBLIA* Sagrada com reflexões de Lutero. SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015. João 14.16-31.

<sup>21</sup> MESQUIATI, 2017, p. 550.

com a presença do Espírito Santo assumindo o seu papel no plano de salvação da humanidade, que havia se perdido no Éden. Homens e mulheres frágeis e limitados assumiram a condição de verdadeiros mártires<sup>22</sup> que estavam dispostos não apenas a crer, mas viver e morrer pelo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Em uma perspectiva teológica, podemos definir pentecostalidade como uma fé trinitariana, uma mensagem cristocêntrica e uma capacitação vinda do Deus Espírito Santo.

## Pentecostal

Um dos meios ao qual podemos recorrer para compreender a teologia pentecostal é observando a origem, os pensamentos e ensinamentos dos seus precursores. O mesmo caminho deve ser percorrido pelas pessoas interessadas em conhecer os pensamentos e fundamentação da Reforma Protestante. Quem quiser saber o que é protestantismo terá que buscar informações acerca dos reformadores e acessar o teor do que eles produziram teologicamente. Portanto, é necessário olhar para as narrativas históricas e para os registros daquilo que eles desenvolveram intelectualmente.

A afirmação de que o pentecostalismo é herdeiro do protestantismo tem suas bases tanto na procedência dos organizadores dos primeiros grupos, como naquilo que eles criam e ensinavam. Os pentecostais que surgiram no fim do século XIX, na Europa e Estados Unidos da América do Norte (EUA), que se encorporaram e ganharam o mundo no início do século XX, eram compostos por membros de igrejas Protestantes históricas como luteranas, batistas, metodistas e presbiterianas. Leonildo Silveira Campos fez um mapa histórico para descrever a origem do pentecostalismo brasileiro, no modelo de um fluxograma. Nela fica evidenciado os vínculos dos primeiros líderes do pentecostalismo com o protestantismo histórico.

Segundo Campos, Charles Parham (1873-1929) era um pastor metodista que liderou os eventos de Topeka, no Kansas, e fundou, em 1901, a *Apostolic Faith Movement*. Influenciado por Parham, o afro-americano de origem Batista, William Seymour (1870-1922) instalou-se na Azusa Street (1906), onde fundou a *Apostolic Faith Mission*. Por lá passou William Howard Durham (1873-1912), que era de família batista e se converteu em uma comunidade do movimento da santidade. Na Rua Azusa, Durham foi batizado com Espírito Santo e fundou a *North Avenue Mission*, em Chicago. Em contato com Durham, em 1907, os italianos, Louis Francescon e Peter Ottolini fundaram a *Assemblea Cristiana*.

Em 1910, Francescon viajou dos EUA para a América do Sul, onde fundou a *Assemblea Cristiana* na Argentina e Congregação Cristã no Brasil. No ano seguinte, os batistas Daniel Berg (1884-1963) e Adolf Gunnar Vingren (1879-1933), que aderiram à fé pentecostal pregada por Durham, viajaram de Chicago, em 1911, para fundar a Missão Fé Apostólica em Belém, no Estado do Pará, que, em 1918, passou a se chamar de Igreja Assembleia de Deus. Por fim, em 1923, a

---

<sup>22</sup> A promessa de Jesus para seus discípulos de que enviaria o Espírito Santo, em Atos 1.8, é de que eles receberiam poder sobrenatural que os tornariam em pessoas prontas até para morrer pelo Evangelho. Isso pode ser constatado com a palavra grega que ele usou para defini-los (as) como “testemunhas”, que foi a terminologia grega *μάρτυς* (martus), assim definida no Dicionário Strong: 1) testemunha, num sentido legal, num sentido histórico. Alguém que presencia algo, p. ex., uma contenda. Num sentido ético, aqueles que por seu exemplo provaram a força e genuidade de sua fé em Cristo por sofrer morte violenta. *THE BIBLE Study*. Bíblia Almeida e dicionário bíblico Strong. Versão do leitor. Software bíblico Oliver Tree, 2016-2023. Definição de Atos 1.8.

pastora metodista Aime McPherson deixou a denominação, onde trabalhou como missionária, para fundar, em Los Angeles, Califórnia, a *International of the Four Square Gospel*.<sup>23</sup>

Diante da constatação descrita no parágrafo precedente, de que as raízes históricas dos pais do pentecostalismo moderno estão firmadas em solo protestante, a teologia deles corrobora para confirmar o pressuposto de que eles são protestantes reformadores. O fato de ter um segmento de teólogos pentecostais que defendem a origem e o vínculo do movimento ao protestantismo, necessariamente não quer dizer que, para ser o pentecostalismo legítimo, seja necessário provar que os pentecostais advenham do movimento reformador do século XVI. Isso somente seria necessário, se fosse o caso, se os protestantes tivessem assumido uma posição sectária de exclusivismo religioso, postura católica romana que os reformadores tiveram que rechaçar, pois eles, por séculos, foram considerados e combatidos pela cúria de Roma como seitas heréticas.<sup>24</sup>

A legitimidade do pentecostalismo moderno não está condicionada a ser aceita como protestantes, mas por ter uma fé e teologia fundamentada na Bíblia. Essa associação deve ser compreendida não como meio de legitimação e consecutiva aceitação, mas de honestidade por parte dos pentecostais ao reconhecerem que foi graças aos reformadores protestantes que eles hoje podem servir a Deus e terem acesso a um cristianismo bíblico. Pouco mais de um século já é tempo suficiente para perceber que o pentecostalismo somente subsistiu e assumiu o papel de protagonista no mundo cristão graças às suas raízes bíblicas, herança dos reformadores, assim como pregação e ensino de uma pneumatologia cristocêntrica. Como propõe Mesquiati:

Com a Reforma os pentecostais aprenderam que a pneumatologia deve ser cristológica e que a via do Espírito Santo não deve ser uma via alternativa ao Cristo, à Palavra, à fé e à graça. Com isso os pentecostais puderam desenvolver um quinto *Sola*, entendido de maneira integrada e simultânea com os quatro primeiros: o *Solus Spiritus Sanctus*. Nos pentecostais, não só a pneumatologia é cristológica, mas a cristologia é pneumatológica. Essa circularidade é também necessária para a teologia. Ou para usarmos a metáfora tillichiana da profundidade, a dimensão do Espírito Santo deveria ser resgatada em cada uma e em todas as dimensões da vida, da teologia e da igreja.<sup>25</sup>

Portanto, o que denota que o pentecostalismo é protestante são pelo menos dois fatores. Primeiro, as bases doutrinárias e teológicas, das quais compartilham do mesmo credo e fundamentos dos *solas*; segundo, as raízes históricas do pentecostalismo consolida a teoria de que eles são um segmento cristão cujos princípios e doutrinas foram formulados pelos reformadores. Portanto, trata-se de uma parte do protestantismo que dá ênfase à pneumatologia, e creem que o Espírito Santo atua hoje, através da Igreja, habilitando os membros do Corpo com os mesmos dons que foi outorgado aos apóstolos.<sup>26</sup>

<sup>23</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação pouco avaliada. *Revista da USP*. São Paulo, n. 67, set/nov. 2005, p. 114.

<sup>24</sup> Em carta endereçada ao rei francês Francisco I, Calvino menciona a ferrenha perseguição que os adeptos do protestantismo estavam sofrendo, por parte da cúria romana e dos governantes que eram sujeitos a ela. CALVINO, João (1509-1564). *As Institutas*. Volume 1. Tradução Waldir Carvalho Luz. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 17-18.

<sup>25</sup> MESQUIATI, 2017, p. 551.

<sup>26</sup> MENZIES, William W.; HORTON Stanley M. *Doutrinas Bíblicas: uma perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995, p. 128.

Como no universo pentecostal a experiência com o Espírito Santo tem um lugar de destaque na vivência dos fiéis, é essencial as bases bíblicas, que deram origem e sustentação ao movimento. As divergências que surgiram no transcorrer do tempo, na relação entre pentecostalismo e protestantismo histórico não foram quanto à centralidade de Cristo, mas qual seria o lugar e papel da terceira Pessoa da Trindade; não se deu em torno da revelação e inspiração da Bíblia, mas quanto a sua interpretação.

A hermenêutica bíblica, portanto, a interpretação dos textos sagrados, é que faz a diferença entre ser protestante histórico ou pentecostal. Para o pentecostalismo, assim como foi para os movimentos avivalistas que o antecederam, a experiência é tão importante como a salvação que Jesus proporciona aos que nele creem. O batismo com Espírito Santo e o poder que dele advém são considerados pelos pentecostais como algo necessário e acessível a todas as pessoas cristãs, em todo tempo e lugar. Não se trata, pelo menos para eles, do fruto de uma crença que surgiu do nada, mas de interpretações bíblicas de que as promessas e experiências dos primórdios do cristianismo são, e estão, acessíveis a todos os que creem. Como diz Kenner Terra:

A hermenêutica pentecostal faz parte dessa história. Ela surge como uma possibilidade de leitura não somente de Lucas-Atos, mas de todos os textos bíblicos. A experiência do batismo com o Espírito Santo e a presença dos dons colocam o pentecostalismo na história da interpretação bíblica porque sua maneira particular de leitura das Escrituras aponta para novos rumos hermenêuticos e rupturas com perspectivas racionalistas.<sup>27</sup>

A falta de identificação e definição de fronteiras ou limítrofes do que é ser pentecostal, a partir de sua base doutrinária e seu credo, mas apenas pelas práticas do carisma, têm resultado em definições amplas que incluem todo e qualquer movimento religioso vinculado ao cristianismo como pentecostalismos. O uso no plural de “pentecostal” foi uma maneira que alguns escritores e pesquisadores encontram para abarcar todas as correntes religiosas que adotaram a prática de dons espirituais em suas crenças, dando ao pentecostalismo contornos sincréticos não condizente com a verdade. Como podemos constatar nas considerações feitas por Campos. Afirma ele:

Pouco a pouco, a tese de que os pentecostalismos não passam de entidades de um catolicismo transformado vai sendo mais e mais aceita. Isso exige falar das diversas raízes que constituem as identidades religiosas, tais como as raízes católicas do pentecostalismo, as raízes protestantes (luteranas, calvinistas, anabatistas) do pentecostalismo, as raízes culturais (andinas, rioplatenses, afro-brasileiras, etc.) do pentecostalismo, as raízes (ou melhor, influências) semíticas do pentecostalismo (por sua literalização do Antigo Testamento, com a qual sintoniza em sua ritualidade), etc., criando assim um novo espectro socioreligioso da identidade cristã, já por si só complexa e sincrética.<sup>28</sup>

No conceito descrito no parágrafo anterior fica evidente que as considerações foram pautadas em pressupostos sociológicos e antropológicos e não teológicos, porque são alguns grupos pentecostalizados, e não pentecostais, que são influenciados por religiões ou crenças de povos andinos ou afro-brasileiros. O pentecostalismo, na condição de protestante, é um segmento do cristianismo que se contextualiza socialmente, mas tem suas raízes na fé bíblica monoteísta e cristocêntrica, onde não tem lugar para invocação de mortos, cultos aos ancestrais, adoração a ídolos, e outras práticas que estão presentes nas religiões politeístas. Por isso, é importante analisar

<sup>27</sup> SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade Bíblica e Experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 29.

<sup>28</sup> CAMPOS, 2002, p. 73.

o teor doutrinário e teológico dos pentecostais, que os diferem dos chamados grupos pentecostalizados. É o que veremos nos próximos parágrafos.

## **Pentecostalizado**

Há pelo menos dois segmentos, ou grupos cristãos, que podemos definir ou identificar como comunidade de fé cristã pentecostalizada. A principal característica delas é que são carismáticas sem que necessariamente sejam pentecostais. O primeiro deles são os grupos carismáticos que estão dentro de igrejas cristãs históricas reformadoras ou saíram delas e mantiveram suas estruturas, mas que, a exemplo dos pentecostais, dão ênfase ao batismo com Espírito Santo e aos dons espirituais, com o dom de falar em outras línguas. São luteranos, presbiterianos, batistas e anglicanos que buscam batismo com Espírito Santo e dons espirituais e fizeram ajustes internos, criaram congregações e estruturas administrativas e eclesiais independentes e continuaram usando os nomes de suas denominações de origem. No Brasil, esses grupos ficaram conhecidos como “igrejas renovadas”. Da mesma forma, a Renovação Carismática Católica (RCC) existe dentro da Igreja Católica Romana, portanto, são católicos, mas buscam batismo com Espírito Santo e seus dons.<sup>29</sup>

O segundo grupo é composto por denominações que surgiram a partir de igrejas protestantes tradicionais ou de pentecostais, mas não se identificam teológica e doutrinariamente com a reforma protestantes e as doutrinas advindas delas.<sup>30</sup> Não são pentecostais porque adotaram outras crenças e desenvolveram doutrinas não condizentes com aquelas estabelecidas entre as igrejas reformadoras. Não se trata de ser melhor ou pior, mas simplesmente se distanciaram de doutrinas que são elementares para os pentecostais. São carismáticos como os pentecostais, mas têm práticas que não condizem com o pentecostalismo.

O paradigma brasileiro de igreja pentecostalizada, ainda que ela sempre tenha sido considerada pentecostal, é a Congregação Cristã do Brasil (CCB). No segmento sociorreligioso, por causa da origem do fundador e a ênfase nos dons do Pentecoste, a ela é atribuída a condição de primeira igreja pentecostal a se estabelecer no Brasil. Mas quando analisada em uma perspectiva teológica e doutrinária, percebe-se que estamos diante de um segmento cristão pentecostalizado. Quais são os elementos que temos para fazer essa afirmação? Temos, pelo menos, três evidências de que a CCB é pentecostalizada e não pentecostal. São elas: o lugar das Escrituras dentro de sua teologia, a condição de Jesus em seus ensinamentos e a postura de uma instituição cristã exclusivista.

Antes de prosseguir é importante ressaltar que não há aqui qualquer pretensão, tão pouco interesse, de se estabelecer um juízo acerca da CCB e seus membros, sobretudo de rotulá-los ou desqualificá-los como cristãos e cristãs. Até porque não é esse o objetivo desta pesquisa e do pesquisador. Destaca-se ainda que, considerando que, apesar da CCB ser pouco maleável para

---

<sup>29</sup> MESQUIATI, 2017, p. 541.

<sup>30</sup> Samuel Thomas Jaenisch fez a seguinte constatação: “De fato, um dos primeiros impactos do pentecostalismo foi o surgimento de diversos movimentos carismáticos entre as igrejas protestantes históricas. Estes começaram a se apropriar de elementos teológicos e rituais, dando origem às novas denominações renovadas, como, por exemplo, a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, a Igreja Batista Brasileira, Igreja Episcopal Carismática e a Igreja Evangélica Luterana da Renovação.”<sup>30</sup> JAENISCH, Samuel Thomas. Ecos da Reforma: sobre o crescimento pentecostal e seus impactos no protestantismo histórico em Porto Alegre. *Século XXI*, UFSM, Santa Maria, Vol. 1, n. 1, jan./jun. 2011, p. 121. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/3141/1733>. Acesso em: 30 de Mai. 2023.

mudanças ou raramente altera sua teologia e a relação com outros segmentos cristãos, as informações colhidas e apresentadas nesta produção compreendem ao período que vai desde sua implantação no Brasil em 1910 até 1980. Em anos recentes, tem-se notícias e presenciamos alterações no uso da mídia de massas, como a internet, e rumores de que haveria um reconhecimento e orientação da cúpula da CCB de que é possível encontrar outros cristãos salvos fora de seu reduto. Feito estas considerações, veremos em seguida qual é o lugar da Bíblia dentro da teologia da CCB.

## O Lugar das Escrituras Dentro de Sua Teologia

Ainda que no interior da CCB não se use o termo teologia, como ciência, mas nas práticas de sua fé encontraremos uma teologia vivenciada, e suas doutrinas são balizadas por aquilo que eles atribuem à Bíblia. No entanto, diferente da tradição protestante, a Bíblia é lida esporadicamente por livre iniciativa dos fiéis e usada nas pregações nos cultos. Os obreiros e anciãos não têm formação teológica e em suas comunidades não é difundido o ensino bíblico sistemático, como escolas bíblicas, por exemplo.<sup>31</sup> O pesquisador André Mariano fez a seguinte observação, ao estudar a CCB:

Em boa parte dos discursos dos congregados, o que eles reproduzem é o que está registrado nos Estatutos e nos Ensinamentos da denominação. Neste ponto, valores vistos como espirituais ganham destaque. A Bíblia é a única fonte escrita confiável na vida de um congregado, e o Espírito Santo é o único professor.<sup>32</sup>

Por ocasião da publicação do registro da Ata de Constituição da CCB, em 1928, os líderes externaram o conceito que têm das Escrituras Sagradas. Diferente dos reformadores, que criam que a Bíblia toda é Palavra de Deus, na CCB apenas o Novo Testamento (NT) é considerado a única fonte inspirada pelo Espírito Santo ao qual os fiéis devem observar. Portanto, para eles o Antigo Testamento (AT) não tem o mesmo valor inspirativo e doutrinário que o NT. Segue parte do teor da referida Ata:

Os membros da Congregação Christã do Brasil devem crer na inteira Bíblia Sagrada, porém, aceitando como base fundamental de sua fé o Novo Testamento, como sendo a infalível Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo: constitui a sua única e perfeita guia e conducta, na qual nada se poderá argumentar ou diminuir sendo Ela todo o poder de Deus em salvação a cada fiel. (Ata de Constituição da Congregação Christã do Brasil, 23 de maio de 1928. Publicada no Diário Oficial de São Paulo em 31/05/1928).<sup>33</sup>

Outra divergência substancial que encontramos no credo da CCB é a afirmação de que a Bíblia contém e não é a Palavra de Deus. Assim está no Estatuto:

Nós cremos na inteira Bíblia Sagrada e aceitamo-La como contendo a infalível Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo. A Palavra de Deus é a única e perfeita guia da nossa fé

<sup>31</sup> As Assembleia de Deus, desde sua organização nos EUA, criaram seminários com cursos de teologia para formação dos obreiros. Os líderes seguiram o modelo de suas igrejas de origem fomentando o conhecimento bíblico através de Escolas Bíblicas Dominicais. MENZIES; HORTON, 1995, p. 12.

<sup>32</sup> MARIANO, André Luiz de Castro. Congregação Cristã do Brasil: análise antropológica da primeira denominação pentecostal brasileira. *Tese*. (Doutorado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus Marília, 2021. p. 262.

<sup>33</sup> MARIANO, 2021, p. 235.

e conduta, e a Ela nada se pode acrescentar ou d'Ela diminuir. É, também, o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê (II Pedro, 1:21; II Timóteo, 3:16-17; Romanos, 1:16).<sup>34</sup>

Apesar de utilizar a Bíblia protestante, que é composta de 66 livros, não existe menção de textos do AT na Ata de constituição da CCB.<sup>35</sup> Para André Mariano, a ausência de citações bíblicas veterotestamentárias é justificado pela expectativa escatológica que incidem, sobretudo no NT. Mariano faz a seguinte afirmação:

Assim a escolha de textos neotestamentários não é aleatória. A escolha tem sentido escatológico quando conduz os adeptos para um pensamento no porvir. Mas há também ao mesmo tempo uma relação com valores extramundanos, quando retira ou esvazia a parte significativa do envolvimento dos congregados ou da pretensão de envolvimento com o mundo presente.<sup>36</sup>

No que diz respeito ao pilar protestante de *Sola Scriptura*, dentro da CCB isso é parcialmente aceito, o que caracteriza uma igreja pentecostalizada e não pentecostal. Ainda que os fiéis aceitem a Bíblia como palavra inspirada pelo Espírito Santo, em seu credo fica explícito que o AT não faz parte das suas bases doutrinárias e há pouco lugar nos sermões pregados entre os fiéis. Afirma Mariano:

Portanto, embora seja divulgado o reconhecimento de toda a Bíblia como de uma mesma origem (revelação Divina), na prática, os livros do Antigo Testamento não são priorizados. Portanto, na maioria das vezes, os textos do Velho Testamento não são requisitados. Neste sentido pode-se dizer que o tipo de pentecostalismo presente na Congregação Cristã no Brasil é um pentecostalismo de origem cristã e não judaico-cristã.<sup>37</sup>

## A Lugar de Jesus Cristo em Seus Ensinos

Apesar da CCB ser uma igreja cristocêntrica, a interpretação bíblica do papel e lugar de Jesus em suas doutrinas não é o mesmo nem do protestantismo ou catolicismo. Para a CCB na Trindade, apesar de uma mesma essência, há uma hierarquia na qual Jesus, ainda que seja Deus, seria menor que o Pai. Mariano fez o seguinte comentário:

A segunda Pessoa da Deidade (Jesus) ocupa um lugar diferenciado na perspectiva da Congregação Cristã no Brasil. Isto não quer dizer que seja maior que a Primeira (Deus), justamente porque a crença é a de que a Segunda é menor que a Primeira e incondicionalmente obediente a este, como seu Pai Criador. Jesus na CCB aparece como Senhor da vida dos congregados e, ao mesmo tempo, como exemplo de obediência a Deus. Da mesma forma Jesus não se sobrepõe a Terceira (Espírito Santo). E, no caso da CCB e de outras denominações pentecostais, é Ela (a terceira Pessoa da Trindade) que fundamenta o próprio pentecostalismo.<sup>38</sup>

---

<sup>34</sup> CONGREGAÇÃO Cristã no Brasil. PONTOS DE DOUTRINAS. Disponível em: <https://congregacaocristanobrasil.org.br/institucional/doutrina>. Acesso em: 27 de Mai. 2023.

<sup>35</sup> MARIANO, 2021, p. 235.

<sup>36</sup> MARIANO, 2021, p. 236.

<sup>37</sup> MARIANO, 2021, p. 235.

<sup>38</sup> MARIANO, 2021, p. 219.

## Condição de Crença de Uma Instituição Cristã Exclusivista

Que entre os pentecostais brasileiros há resistência ao ecumenismo, sobretudo quando o movimento inclui a Igreja Católica Romana (ICAR), não é novidade, no entanto entre os membros de igrejas pentecostais se mantêm vínculos de irmandade e, salvo alguma exceção, não são exclusivistas. Não se pode afirmar o mesmo da CCB. Os líderes estimulam os membros a não manter diálogo religioso com nenhuma outra denominação cristã brasileira, sendo isso previsto em seu Estatuto, no qual está assim explicitado: “§ 2º. A CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL não depende, nem mantém vínculo com instituições outras, quer no País, quer no exterior, porém, conserva comunhão espiritual com comunidades religiosas no exterior que professam a mesma Fé e Doutrina.”<sup>39</sup>

Tanto na esfera de liderança como de membresia a CCB limita a comunhão espiritual apenas com outras comunidades do exterior, que professam a mesma fé e doutrina, ou seja, a CCB é absolutamente fechada em torno de suas doutrinas. Esse ponto não é difícil de explicar. Segundo a crença desenvolvida na CCB, não há salvação fora de sua denominação. Simples assim! “Os integrantes da Congregação Cristã do Brasil evitam, mesmo, ser denominados pentecostais, recusando-se à liderança a qualquer forma de cooperação com outras denominações do Protestantismo.”<sup>40</sup>

A CCB se constitui em uma denominação exclusivista nas relações com outros cristãos; de uma soteriologia ultra calvinista predestinatária, por acreditar que todas as pessoas que Deus escolheu para a salvação chegarão em sua igreja. Ela se considera única, pelo menos em território brasileiro, consecutivamente, não se relaciona com nenhum outro segmento cristão existente. Paul Freston afirma que: “A CC não se considera protestante nem católica, e não coopera com outras igrejas, mesmo pentecostais. Há forte *ethos* de ajuda mútua.”<sup>41</sup> Enquanto, Beatriz Muniz de Souza, ponderando sobre a tipologia do pentecostalismo paulista, constatou que entre as denominações que ela estudou está a CCB, “que não admite aproximação e intercâmbio de idéias [sic] com as várias denominações protestantes, inclusive as pentecostais.”<sup>42</sup>

O fato da CCB ser considerada pentecostal, mas não ter identidade teológica com o protestantismo, não a descaracteriza como cristã, no entanto, em suas estruturas doutrinárias há elementos fundamentais que não convergem com o que criam e ensinavam os reformadores protestantes, que, por sua vez, compõe os fundamentos do pentecostalismo. Ser pentecostal não é apenas ser carismático, como o ocorrido entre os cristãos e as cristãs da Igreja de Jerusalém. A essa crença, como ressaltado anteriormente, caracteriza a pentecostalidade do cristianismo. Então, em que tipologia teológica se enquadra a CCB? Ela é uma igreja pentecostalizada.

O que dizer do seguimento religioso brasileiro denominado pela sociologia e antropologia de “neopentecostalismo”? A lógica é a mesma, trata-se de grupos cristãos pentecostalizados. Não são pentecostais por terem deixado as bases doutrinárias das igrejas reformadoras, ou

<sup>39</sup> CONGREGAÇÃO Cristã no Brasil. Estatuto Padrão. Disponível em: <https://congregacaocristanobrasil.org.br/institucional/estatuto> - Acesso em: 27 de Mai 2023.

<sup>40</sup> SOUZA, 1969, p. 84-85.

<sup>41</sup> FRESTON, Paul. Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 1993, p. 79.

<sup>42</sup> SOUZA, 1969, p. 72-73.

acrescentaram outros elementos que não fazem parte dos pilares do protestantismo. Mesmo quando uma denominação cristã professa ou tenha em seu credo os *solas*, e seja carismática, mas inclua em suas práticas elementos que descaracterizam o pentecostalismo, a referida igreja pode ser enquadrada tipologicamente como pentecostalizada, mas não como pentecostal.

### **Considerações finais**

O que as ciências sociais, que estudam os fenômenos religiosos brasileiros, tipologicamente classificam de pentecostalismo e neopentecostalismo, considerando as crenças e práticas dos dons de milagres, pode ter uma outra tipologia se for analisado a partir das doutrinas e consecutiva teologia. Necessariamente, não há nada de errado em dar ao pentecostalismo uma tipologia social, no entanto, as práticas deste segmento cristão somente refletem as suas crenças. Para entender as crenças é importante buscar a contribuição da Teologia, cujo papel, entre outros, está o de analisar o teor doutrinário de determinadas organizações religiosas.

Nem mais ou menos importante que as contribuições de outros saberes científicos, a Teologia não somente pode, como deve, contribuir com a formulação de uma tipologia do que é convencionalmente chamado de pentecostalismo. Até porque, quando observado doutrinariamente, há argumentos sólidos para afirmar que aquilo que é denominado pentecostalismo pelas ciências sociais, teologicamente pode ter uma tipologia que as identifiquem com outro segmento que compõe o universo cristão carismático.

Assim como, por exemplo, o pietismo alemão não foi categorizado como neoprottestantismo ou o movimento de renovação católica carismática não foi classificado como neocatolicismo, por darem ênfase a determinado princípio bíblico, pode ser muito simples denominar ou enquadrar os diversos grupos que dão ênfase ao ministério do Espírito Santo, que têm surgido nos últimos cinquenta anos, como neopentecostalismo.

A partir de uma proposta de tipologia teológica, a pentecostalidade consiste na crença cristã de que no dia da festa judaica do Pentecoste, registrado por Lucas em Atos 2, o Espírito Santo foi enviado para assumir o seu papel, como terceira Pessoa da Trindade, de capacitar as pessoas cristãs e conduzir a Igreja até o dia do arrebatamento. Portanto, basta ser pessoa cristã trinitariana para fazer parte da pentecostalidade. Enquanto, ser pentecostal vai além da crença na pessoa e obra do Espírito Santo. O pentecostalismo é um segmento cristão cujas bases de fé e práticas vieram da Reforma Protestante, do século XVI. Eles professam a mesma fé, são participantes da mesma base doutrinária, que incluem as *solas*, e resultaram de uma série de avivamentos que se deu no seio do protestantismo, mas que somente se organizaram e assumiram uma identidade cristã pentecostal, com ênfase nos dons, no início do século XX. Já a condição de pentecostalizados diz respeito aos mais diversos segmentos cristãos que são carismáticos e creem em especial na glossolalia, assim como os pentecostais.

Dentre os cristãos e as cristãs pentecostalizados estão membros de denominações protestantes históricas e católicos romanos que permanecem em suas igrejas, mas creem e buscam o batismo com Espírito Santo, a exemplo dos pentecostais. Ainda podem ser considerados cristãos e cristãs pentecostalizados, aqueles e aquelas que são denominados pelas ciências sociais como neopentecostais, porque são carismáticos, mas que por motivos diversos não têm suas doutrinas e

teologia baseadas em princípios que legitima o pentecostalismo, ou ainda que os tenham acrescentado outras crenças e práticas que não fazem parte dos pilares protestantes.

## Referências

A *BÍBLIA SAGRADA*. Reflexões de Lutero. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

CALVINO, João (1509-1564). *As Institutas*. Volume 1. Tradução Waldir Carvalho Luz. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma protestante à pentecostalidade da igreja*. São Leopoldo: Sinodal: Quito: CLAI, 2002.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação pouco avaliada. *Revista da USP*. São Paulo, n. 67, Set/Nov. 2005, p. 100-115.

FERREIRA, Franklin. *Pilares da fé: a atualidade da mensagem da Reforma*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

FRESTON, Paul. Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. *Tese* (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 1993.

JAENISCH, Samuel Thomas. Ecos da Reforma: sobre o crescimento pentecostal e seus impactos no protestantismo histórico em Porto Alegre. *Século XXI*. UFSM, Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 119-139, Jan./Jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/view/3141/1733>. Acesso em: 30 de Mai. 2023.

MARIANO, André Luiz de Castro. *Congregação Cristã do Brasil: análise antropológica da primeira denominação pentecostal brasileira*. *Tese* (Doutorado em Ciências Sociais). Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus Marília, 2021.

MENZIES, William W., HORTON Stanley M. *Doutrinas Bíblicas: uma perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995.

MESQUIATI de Oliveira, David. Os Pentecostais, o Espírito Santo e a Reforma. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*. PUC-PR, Vol. 9, N. 2, Maio-Agosto, 2017, p. 539- 553. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449755239012>. Acesso em: 22 de Mai. 2023.

MESQUIATI de Oliveira, David; TERRA, Kenner. *Experiência e Hermenêutica Pentecostal: reflexões e propostas para construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SIQUEIRA, Gutierrez; TERRA, Kenner. *Autoridade Bíblica e Experiência no Espírito: a contribuição da hermenêutica pentecostal-carismática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

SOUZA, Beatriz Muniz de. *A experiência da salvação: pentecostais de São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

*THE BIBLE STUDY*. Bíblia Almeida e dicionário bíblico Strong. Versão do leitor. Software bíblico Oliver Tree, 2016-2023.